Apresentação - Mini dossiê: Representações, mídia e imaginários sociais

Introduction - Mini Dossier: Representations, Media, and Social Imaginaries

Antonio Ricardo Calori de Lion[1]
https://orcid.org/0000-0001-6746-2240
http://lattes.cnpq.br/8651248987276573

Robson Pereira da Silva[2]
https://orcid.org/0000-0001-6517-0842
http://lattes.cnpq.br/5608673598392485

https://doi.org/10.46401/arec.2026.v18.27172

1 Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Sudoeste/Quirinópolis e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio do Câmpus Cora Coralina (Prompe/UEG). É membro do LEDLin - Laboratório de Estudos em Diferenças e Linguagens (UFMS/Aquidauana), do Laboratório de Estudos Culturais, Interseccionais e Históricos - "Leci Brandão" (LECIH/UFSCar) e coordenador do Laboratório de Linguagens e Tecnologias para História, Ensino e Pesquisa (LATHEP/UEG - Câmpus Sudoeste). E-mail: antonio.lion@ueg.br

2 Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (DCSo/ UFSCar) e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/ UFSCar). Professor Colaborador do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAq) Coordenador do Laboratório de Estudos Culturais, Interseccionais e Históricos - ''Leci Brandão'' (LECIH). Membro do Laboratório de Estudos em Diferenças Linguagens LEDLin/ UFMS e do Núcleo de Estudos em História Social. E-mail: rpsilva@ufscar.br

Nesta edição de Albuquerque: revista de Estudos Culturais, publicamos um mini dossiê organizado a partir das discussões comuns entre cultura, mídia e representações sociais. De que modo os dados de cultura são articulados em torno de projetos políticos, mercadológicos ou acerca das percepções sociais em relação ao espírito de seu tempo e às mudanças históricas? Partindo da afirmação de Jacques Le Goff (1994, p. 16) de que "o imaginário alimenta o homem e o faz agir", compreendemos o caráter intrínseco entre representação e mídia social como um "fenómeno colectivo, social e histórico".

Todo grupo social precisa dar nome ao mundo que habita. Antes de agir sobre a realidade, os sujeitos coletivos classificam-na, dividem-na e hierarquizam-na em operações que parecem descrever o mundo, mas que na verdade o constroem. Os textos versam, sobretudo, a partir do eixo "representações e cultura de massa", mas tendo como transversalidade a questão da identidade. Sob essa égide, as problematizações avançam sobre contextos diversos, de igual maneira em relação às temporalidades.

A ideia-guia para a coleção de textos desse dossiê é vista em Le Goff em sua discussão da importância de se olhar e analisar objetos e acontecimentos sociais como forma de pensar em como eles se conectam na construção das realidades figuradas e concretas das experiências das pessoas em seu tempo:

O pergaminho, a tinta, a escrita, os selos, etc. exprimem mais que uma representação: exprimem também uma imaginação da cultura, da administração, do poder. O imaginário do escrito não é o mesmo da palavra, do monumento ou da imagem. As fórmulas do protocolo inicial, das cláusulas finais, da datação, a lista das testemunhas - para não falar do texto propriamente dito - reflectem não só as situações concretas mas também um imaginário do poder, da sociedade, do tempo, da justiça, etc. (Le Goff, p. 13)

Propomos, com a reunião desses textos, pensarmos sobre a cultura por aspectos das relações entre representação e imaginário social, pela perspectiva dos estudos culturais, a qual se preocupa em "[...] analisar a produção cultural de uma sociedade, com ênfase no seu significado político, para se entender os padrões de comportamento e as ideias compartilhadas pelos indivíduos que nela vivem" (Merçon; Santos, 2022, p. 6).

Dessa forma, outros conceitos intercambiáveis somam-se na compreensão dos objetos de estudo dos artigos. Para o historiador polonês Bronislaw Baczko (1985), o imaginário social é um conceito que se refere a um conjunto de

representações coletivas associadas às relações de poder (Magalhães, 2016, p. 94). O imaginário não é um depósito de sonhos desinteressados, nem um ornamento supérfluo das sociedades, mas um campo de batalha no qual grupos e frações de grupos competem pela apropriação e pela utilização legítima das representações coletivas. As disputas em torno delas colocam a dominação sobre o pensável e os limites do que pode ser dito, desejado e imaginado por uma comunidade em um dado momento de sua história e como isso nos chega, a partir das fontes produzidas.

De acordo com Roger Chartier (1990) a representação é a operação fundamental do imaginário social, aquilo que transporta as construções do universo simbólico para o mundo social efetivo como um conjunto de classificações, divisões e hierarquizações que definem a compreensão do mundo social a partir das orientações próprias aos diversos segmentos sociais. Duas consequências decorrem dessa proposição e orientam as análises reunidas neste dossiê. A primeira: não existe representação sem ponto de vista; toda imagem do social é produzida a partir de um lugar social determinado, e o lugar determina o que se vê e o que se deixa de ver. A segunda, mais incisiva: as percepções do social produzem estratégias e práticas sociais ou políticas, que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados.

Os textos que compõem este minidossiê foram selecionados não por partilharem o mesmo suporte, mas por trabalharem, cada um em seu terreno, a articulação entre representação, imaginário e política que Baczko e Chartier nos ajudam a pensar. Há, inclusive, uma arquitetura temporal que o leitor atento perceberá: das vanguardas europeias dos anos 1920, passando pela literatura brasileira modernista dos anos 1940, até a sociedade midiática brasileira do fim do século XX, os artigos cobrem o arco inteiro de um século no qual as tecnologias de produção de imagens transformaram radicalmente as condições de fabricação e circulação dos imaginários coletivos.

O primeiro artigo é **"Ladário, um distrito em ritmo de Carnaval (1870-1953)"**, de Divino Marcos de Sena, que traz uma reflexão sobre as festanças de Momo na cidade que fica na região de Corumbá-MS. Ao analisar a festa por um período de quase cem anos, o autor articula a identidade cultural e as relações de poder em área de fronteira, pensando, sobretudo, nas subversões e intercâmbios nas apropriações diversas das manifestações carnavalescascas.

Seguindo a temática, Zélia Lopes da Silva, no artigo **2019: Carnavalização,**

sonhos e tristeza na Escola de Samba Vai-Vai, mergulha na história recente da maior campeã do carnaval paulistano. Ao tratar de memória e pertencimento, a autora debate sobre o rebaixamento da escola de samba e como isso teve um impacto em seus membros e na comunidade, ao passo que os seus laços perpassam a identidade e a resistência pela arte e cultura, já que a Vai-Vai sempre foi fortemente ligada às tradições de matriz afro-brasileira.

Em **Metrópolis (1927): a máquina, o organismo e o terror – uma anatomia das metáforas políticas da modernidade**, Alcides Freire Ramos e Rosangela Patriota analisam o filme de Fritz Lang que talvez seja o documento cinematográfico mais denso que o entre guerras europeu produziu sobre as angústias da modernidade industrial. A cidade vertical de Lang, com seus trabalhadores reduzidos a extensões das engrenagens, no subsolo, e suas elites desfrutando dos jardins eternos, na superfície, não descreve uma cidade real. A imagem do proletariado como massa-máquina e a contrapartida da elite como corpo orgânico saudável constituem classificações e hierarquizações do mundo social que não são neutras: elas veiculam respostas distintas à questão candente da época, qual seja, qual o lugar dos trabalhadores na cidade moderna e quem tem autoridade para mediá-lo.

Da cidade coletiva de Lang saltamos para o espaço íntimo da consciência. No artigo **As relações entre subjetividade e política: uma leitura do romance Perto do Coração Selvagem (1943) de Clarice Lispector**, de Victória Paris, há uma análise do romance de estreia da aclamada autora, a partir das relações de força. A publicação do romance nos anos 1940, durante o Estado Novo, período de nacionalismo estético oficialista e de tentativas de enquadramento da produção cultural brasileira, inscreve a obra em um campo literário em conflito. A autora propõe uma leitura da obra de Lispector enquanto uma interpretação de Brasil, se opondo à crítica cristalizada de que a autora não teria construído a sua própria crítica política naquele período autoritário do país.

No artigo **"Uma nova estrela no (far)oeste": a criação do estado de Rondônia nas páginas de Veja (1980-1982)**, de Alex Filipe Gomes dos Santos, examina a construção, nas páginas da mencionada revista, como fora construída a "visão sobre o contexto social, político e econômico da região" e como operou a construção de uma interpretação "das motivações que levaram a criação da nova unidade federativa e explorou os interesses político-eleitorais" da região Norte brasileira. Naquele momento, a política de integração territorial da Amazônia

exigia, do ponto de vista do poder central, uma operação de conquista da opinião pública. O caso é exemplar para o quadro teórico deste dossiê. A elevação do território à categoria de estado federativo não aconteceu apenas nos gabinetes de Brasília e no Congresso Nacional: ela precisou acontecer também no imaginário social, pois uma unidade federativa só se torna real para o conjunto da nação quando adquire existência representacional.

O dossiê se fecha com o artigo **Entre a barbárie e a ufologia: publicidades da revista UFO (1988-1991)**, de Kevin Franco dos Santos que, que aborda o material menos canônico de todos: os anúncios de uma revista sobre ufologia editada em Mato Grosso do Sul, na década de 1980. Se a análise das revistas ilustradas e do cinema já encontra tradição consolidada nos estudos culturais, as publicidades de uma revista de epistemologias alternativas constituem um objeto pouco explorado pela historiografia brasileira. O artigo analisa como o periódico corroborava na construção dos estigmas do interior do país, sobretudo na região sul-mato-grossense.

O imaginário e as representações se tornam mercadorias em sentido estrito: algo que se compra, se vende e se consome no mercado do mistério. Essas quatro situações ilustram a tese central que Baczko e Chartier nos apontaram sobre as representações coletivas não habitarem um mundo à parte, separado do social; elas são parte constitutiva das lutas sociais e, por isso mesmo, precisam ser lidas como documentos e como armas nas disputas por representação de seu tempo.

Este minidossiê não pretende, evidentemente, esgotar o tema. Pelo contrário: espera-se que as questões levantadas pelos seis artigos estimulem novas pesquisas sobre os modos pelos quais as mídias e a cultura de massas construíram — e continuam a construir — as imagens que a sociedade faz de si mesma. Se a percepção do social jamais será discurso neutro, cabe ao historiador e ao pesquisador dos Estudos Culturais a tarefa permanente de questionar a aparência de transparência do mundo imagético que nos cerca. É essa desconfiança metodológica, convertida em ferramenta analítica, que os textos aqui reunidos convidam os leitores e as leitoras a compartilhar.

Boa leitura.

Referências

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *In*: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. (Coleção Einaudi, v. 5)

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

LE GOFF, Jacques. Prefácio da 1ª edição. *In*: LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 11-30.

MAGALHÃES, Wallace Lucas. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu. **Albuquerque: revista de História**, Aquidauana, v. 8, n. 16, p. 92–110, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2164/3058. Acesso em: 10 set. 2026.

MERÇON, Aline; DOS SANTOS, Kleber José. Os estudos culturais na perspectiva pós-colonialista e interculturalista. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 19, n. 1, p. 4–20, 20 maio 2022.